



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JÚLIO SALDANHA PEREIRA**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-758

**Entrevistado:** Júlio Saldanha Pereira

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Estrela – Secretaria de Esporte e Lazer

**Entrevistadora:** Natália Bender

**Data da entrevista:** 17/04/2017

**Transcrição:** Laura Giovana dos Santos Andrade

**Copidesque:** Pamela Siqueira Joras

**Pesquisa de Termos:** Laura Giovana dos Santos Andrade e Pamela Siqueira Joras

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 17 minutos e 47 segundos

**Páginas Digitadas:** 7 páginas

### **Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: PEREIRA, Júlio Saldanha. Entrevista concedida por Júlio Saldanha Pereira ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadora: Natália Bender. UNIVASF, UFRGS, Estrela (RS), 17 abr. 2017, 10.p.

## **Sumário**

Formação acadêmica; Envolvimento com esporte; Programa Esporte e Lazer da Cidade na Cidade de Estrela, Rio Grande do Sul; Atuação como Secretário de Esportes; Esporte e Lazer; População atendida pelo Programa Esporte e Lazer da Cidade; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade; Avaliação do Programa Esporte e Lazer da Cidade;

Porto Alegre, 17 de abril de 2017. Entrevista com Júlio Saldanha Pereira a cargo da pesquisadora Natália Bender para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

N.B. – Olá Júlio, para iniciar gostaria de saber qual a tua formação e como a temática do lazer apareceu na tua trajetória?

J.P. – Eu sou formado em Educação Física pela Universidade de Santa Cruz, em 1988. Tenho pós-graduação em Personal Training, em 1997. E desde do início da minha formação ela é voltada principalmente a escolares, para Educação Física escolar. Depois com o passar do tempo eu comecei a me envolver em outras atividades, em alguns projetos, formação de escolinhas, trabalhos em entidades inclusive na Prefeitura, cerca de vinte e poucos anos, também tive um contato com questão de gestão.

N.B. – E a partir disso tu... No ano de 1984...

J.P. – É, eu tive toda a minha formação, tem toda uma formação voltada nas escolas. Alguma coisa relacionada a Federação Gaúcha de Futsal que trabalhei alguns anos como árbitro. E no final de 2012, início de 2013 eu fui convidado para assumir a Secretaria de Esportes como Secretário. Daquele período a gente tem trocado um pouco a função, saindo da prática direto para a gestão. Na virada de gestão também foi confirmado mais uma gestão, então estou indo para o quinto ano nessa questão mais de gestão de pessoas, de projetos e da Secretaria como um todo.

N.B. – E aí tu conheceu o PELC<sup>1</sup> a partir do momento que tu entrou na Secretaria ou tu já conhecia antes em função da tua trajetória?

J.P. – Acompanhava um pouco mais distante, mas eu tinha conhecimento, não tão profundo, mas que haviam projetos sociais e projetos de esportes que fomentavam o esporte e lazer que eram uma forma de convênios com o Ministério. Um deles era o Vida

---

<sup>1</sup> Programa Esporte e Lazer na Cidade.

Saudável<sup>2</sup> que era um trabalho principalmente com idosos que tinha ali núcleos, aqui na cidade, mas eu vim ter o conhecimento mais próximo com a mudança da função.

N.B. – E daí como iniciou o teu envolvimento com o PELC? Como tu atuou junto ao PELC?

J.P. – Quando eu entrei já não havia mais o convênio. A partir do momento que se cortou, que venceu, não havia mais o convênio. Nós começamos a organizar, a preparar a manutenção daqueles projetos que até hoje funcionam. Da época até agora são oito núcleos distribuídos pela cidade e se mantêm no mesmo formato. Em paralelo se sabia que haveria teria um novo convênio programado para aquele ano, 2013, que também a gente teria que gerir. Foi interessante porque a gente percebeu que foi um trabalho que fomentou, criou a semente e a comunidade abraçou. Independente se houvesse o convênio ou não, a gente iria organizar de tal forma e foi o que aconteceu. A gente iniciou com recursos próprios fomentou, organizou, estruturou a manutenção do projeto e depois na metade de 2013 que se tocou como forma de convênio.

N.B. – E quais as demandas exigidas para trabalhar com esse projeto?

J.P. – Olha, ele tem toda uma... Segue todo um alinhamento de estrutura pedagógica. Então esse último convênio que nós fizemos lá formatou um pouco diferente, até ele causou, de início, uma turbulência porque havia um tipo de formato, a meu ver, muito engessado na atividade física, na ginástica digamos assim. Aquele novo currículo veio como uma variedade muito diferente. Muito mais rica com o leque muito maior. E de cara sim, nós tivemos um pouco mais de dificuldade de implantar. Os idosos principalmente não tinham, não aceitavam muito aquelas mudanças de ter, por exemplo, o câmbio, artes manuais, cênicas, enfim, então se criou um pouquinho. Depois que a gente conseguiu implantar de uma maneira muito organizada, principalmente com a formação dos profissionais. Quando os profissionais se apropriaram do projeto, a aceitação foi fantástica e hoje quase impossível tu formar um projeto Vida Saudável sem o câmbio.

---

<sup>2</sup> Programa do Ministério do Esporte que visa oportunizar atividades físicas, culturais e de lazer para o cidadão idoso.

N.B. – E quais foram as pessoas envolvidas com a implantação do PELC?

J.P. – Olha, provavelmente na estruturação da secretaria a gente tem pessoas que funcionam... Tem uma funcionária que tinha um *know-how* muito grande de trabalho, mais de quinze anos a Prefeitura acompanhando projetos, desde o Navegar<sup>3</sup>, PELC e todos os que a gente teve. Teve uma importância muito grande no alinhamento do projeto, então ela facilitou muito, foi uma facilitadora que começa desde o processo de implantação, no processo de divulgação e estruturação do projeto até a parte final que é efetivamente algo.

N.B. – E como é que é o nome dessa...

J.P. – Patrícia Wagner<sup>4</sup>

N.B. – Tem mais alguém?

J.P. – Tem a Lisiane Dill<sup>5</sup> que é nosso contato que também fez um acompanhamento mais próximo principalmente via SICONV<sup>6</sup> que ela faz um acompanhamento maior e mais próximo. E ela também auxiliou na estruturação da implantação do convênio porque ele tem que ter todo... São passos e não se pode pular, não se pode deixar nenhuma lacuna porque pode-se daqui a pouco perder o convênio.

N.B. – E como foram escolhidos os locais para a implantação dos núcleos do PELC?

J.P. – Olha, basicamente assim, eu falando da minha parte já tinha sido implantado. Eu não saberia te dizer com muita propriedade quais foram os critérios. Hoje existe, na nossa avaliação, são sim locais que precisam... São bairros, são comunidades no interior, mas eu acredito que basicamente foi essa questão um pouco social de locais que realmente estimulem a atividade física. E outra questão por quantitativo. Locais que se mobilizaram,

---

<sup>3</sup> Programa do Ministério do Esporte que visa popularizar e massificar a prática do remo, vela e canoagem.

<sup>4</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>5</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>6</sup> Sistema de Gestão de Convênios e Contratos de Repasse.

tinham uma necessidade, eu acredito, que foram escolhidos. E o que a gente fez foi apenas a manutenção desses espaços porque já havia uma clientela fiel e tal.

N.B. – Sim. E quais são os locais? São quantos núcleos mesmo?

J.P. – São oito núcleos. Bairro Imigrantes, Bairro Auxiliadora, Bairro das Indústrias, Bairro do União, Comunidade de Novo Paraíso, Linha Vinte, Glória e uma não me recordo ainda, mas eu posso te passar daqui a pouco.

N.B. – Não, tranquilo!

J.P. – Mas são oito núcleos...são três: Glória, Linha vinte e Novo Paraíso são do interior. Auxiliadora, Imigrantes, União, Indústrias. Falta mais uma, mas eu vou... Bairro Oriental. Isso aí!

N.B. – Como é que foi o desenvolvimento do PELC? Como impactou nessas comunidades mesmo que já tivesse esse trabalho sendo feito anteriormente, a partir do momento em que se implanta o PELC, o que vocês percebem de impacto?

J.P. – Olha, toda a atividade, toda a estruturação bem organizada ela tem toda uma perspectiva no intuito de fazer alguma mudança. Obviamente se criou uma legião de fiéis assim, a atividade, hoje...Não é simplesmente a atividade em si, o horário. Há todo um envolvimento, desde datas festivas, programações extras que vão de atividades que nós organizamos em outros eventos pela Secretaria, festas juninas, festas de carnaval, encerramentos, cultos ecumênicos então não era uma simples atividade? Pequeninha que tem isso e fim. Ela tem todo um envolvimento e acaba então que as famílias, que os horários dos idosos naqueles núcleos já tem um espaço reservado para atividades do PELC.

N.B. – Tu já falou um pouco das dificuldades enfrentados para implementação do desenvolvimento do PELC, tu falou um pouquinho...

J.P. – As dificuldades começam não vou dizer dificuldades, são desafios que tu começa a ver desde a implantação, do espaço, questão dos horários, a busca do profissional, e fora

isso tem toda a estruturação, a possibilidade de que uma hora para outra tu quebra paradigmas. Toda vez que tu traz coisas novas, normalmente para qualquer tipo de pessoa, ela já causa um pouco de desconforto momentâneo, aí tu imagina com pessoas e de mais idade, que estão acostumadas dentro de uma rotina, de uma estruturação. Mas elas como eu disse, são desafios que vai muito da capacidade do profissional que trabalha com eles.

N.B. – E o que você destacaria no PELC?

J.P. – Olha, eu digo que é um tremendo estímulo, possibilita uma melhora muito grande na ... Fica fácil falar qualidade de vida, mas ela sim provoca.... Possibilita mais atividades, mais.... Movimenta um pouco esse povo que normalmente são, tempos atrás, esses públicos eram esquecidos e causa assim um impacto muito importante e vai desde saúde, auto estima, capacidade produção, uma serie de melhoras e auxílios que as vezes a gente não consegue dimensionar na prática.

N.B. – E quais os legados desse projeto social para a sociedade?

J.P. – Olha, eu acho que o maior legado é ele ser entendido como fundamental, como um necessário para uma comunidade, para esse nicho da comunidade. Hoje não existe administração, não existe gestão que tem força para terminar com o PELC dentro do município. Quando houve a mudança de gestão, por exemplo, que eu vim para cá, ficava só aquela expectativa: “Será que o novo secretário vai manter os projetos?”. Então em pouco tempo já recebi pessoas das comunidades, dos núcleos, que se mobilizaram para questionar se vão tirar os nossos projetos, realmente seria uma coisa impensável hoje. E eu acredito que essa questão da politização das pessoas. No momento que tu tem alguma coisa que é teu, que é propriedade tua, da comunidade, do bem estar da comunidade ele passa a ser um legado. Aquilo ali se está enraizado, não se tira mais. Acho que esse é um dos grandes.... Além é claro daqueles benefícios todos que nós já falamos antes.

N.B. – E na tua opinião, o PELC cumpre com o papel de inclusão social?

J.P. – Olha, ele tem trabalhado dentro de todas aquelas... Dentro do que se propõe e tem orientado com profissionais capacitados com certeza ele consegue atingir seu objetivo.

N.B. – O que é possível fazer para qualificar mais ainda o Programa?

J.P. – Olha, eu penso que o esporte como um todo tem passado um apelo bastante nebuloso. A gente conversa muito, hoje o esporte carece é de investimentos em todos os seguimentos, o PELC é um projeto fantástico, mas também precisa ser cada vez mais fomentado. A gente percebe isso, mas acaba muitas vezes esbarrando na limitação financeira que é geral, mas eu percebo a área do esporte e área do lazer sendo a primeira a ter empregos e recursos. No geral, a gente tem uma dificuldade de ampliar e fomentar melhor até esses projetos e essas boas ideias por dificuldade orçamentária.

N.B. – Se tu quiser falar um pouquinho mais da história da implementação do PELC aqui em Estrela, como aconteceu, outras pessoas que estão envolvidas e que possam contribuir pra nossa pesquisa...

J.P. – Sim! Olha, deixa eu te dizer, eu não participei da implantação do projeto, mas eu sei, por exemplo, agora lembrei de outra pessoa que foi uma das que teve, na época, um trabalho muito importante que é a Darlene Couto<sup>7</sup>. Quando eu vim para cá ele já estava assim em fase de implantação. O que eu fiz foi fazer uma a leitura do cenário e ver como a gente poderia implantar melhor. O formato melhor, a questão orçamentária, a questão de subtração de projeto. Tu leva o professor no local, tem que ter toda uma logística montada para isso, mas eu te confesso que não participei da elaboração dos projetos via Ministério, isso não, quando eu cheguei já estava pronto. Essas pessoas podem com certeza te falar um pouquinho mais de como foi todo o histórico do processo de aquisição desse convênio.

N.B. – Então, era mais ou menos isso.. Eu não sei se tu quer fazer mais alguma consideração, algo que não tenha sido contemplado pelas perguntas.

J.P. –É uma avaliação mais pessoal em relação ao que agora eu te falei da questão de orçamento. A nossa dificuldade muitas vezes da área de Educação Física, da área em geral do esporte, a dificuldade da gente materializar a mudança que teu trabalho faz em uma realidade social principalmente. A gente muitas vezes quer proteger um projeto, um

exemplo é o PELC, e tu não consegues trazer dados físicos. “Olha, em tal comunidade mudamos a procura do posto de saúde”, por exemplo, “nós tínhamos uma procura de idosos em tantos por cento mensal e caiu”. Questão de feedback com os próprios idosos. A gente tem relatos, mas muito assim mais pessoais do que propriamente em números. Às vezes o pessoal escreve: “Olha, a minha vida mudou desde que eu comecei o projeto.”. Tinha fulana que tinha problema de pressão, mas volto a dizer, são todos assim que são coisas que tu sabes, mas tu não consegues...

N.B. – Quantificar!

J.P. – Quantificar, exatamente. E acho que no momento que tu tens o dado um pouco mais concreto, tu consegues talvez sensibilizar mais as pessoas porque hoje todo mundo... Entendo o esporte, o lazer como uma coisa fundamental e necessária para a saúde das pessoas, para a vida das pessoas, para a qualidade de vida... Mas no momento de discutir um orçamento, na hora de discutir cortes, a nossa área, junto com a cultura, são os primeiros a serem podados. Então esse talvez seria o debate em relação ao PELC, também e outras áreas também.

N.B. – Sim. Então tá! Eu agradeço a tua disponibilidade!

J.P. – Valeu, querida! Eu não tenho dados muito mais históricos, mais concretos. Foi mais uma avaliação que eu vi durante toda essa caminhada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação